

Através da imprensa, o CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO/CIMI tomou conhecimento da vinculação formal da FUNAI ao Conselho de Segurança Nacional/CSN e ao Serviço Nacional de Informação/SNI. A mesma FUNAI, que dispensou em menos de um mês 30 antropólogos e indigenistas, que deviam ter sido os seus informantes naturais, recorre agora ao serviço clandestino de "Informação e Segurança", por tanto tempo ligado a atos de violência e repressão.

Com o trinômio FUNAI-SNI-CSN, a FUNAI ratificou uma aliança anti-índio e anti-indigenista, cuja formalização há tempo vem se preparando e que de fato já existia através dos coroneis, que vieram da área de Segurança para tomar conta do órgão tutelar. O ministro do Interior, Mário Andreazza, justifica o novo trinômio FUNAI-SNI-CSN pela desinformação, da qual ele, não só no caso dos Kayapó (Txucarramae, Gorotire e Xicrim), teria sido vítima. Também o presidente da FUNAI, Nobre da Veiga, se declarou surpreso pela autodefesa sangrenta dos Gorotire, apesar da sua recente visita à área. Um presidente que não sabe escutar os índios, nem quer ouvir os seus próprios antropólogos, sempre será um presidente desinformado. Em todos os três casos (Txucarramae, Gorotire, Xicrim) havia avisos prévios de um conflito iminente. Há meses, depois de uma viagem ao Parque do Xingú, o Pe. Antônio Iasi alertou para a problemática dos Txucarramae; há pouco mais do que uma semana, a antropóloga Vanessa advertiu para o conflito no território dos Gorotire e a antropóloga Lux Vidal para a problemática na área dos Xicrim.

Por todos os desacertos, o presidente da FUNAI junto com sua mão direita, o Coronel Ivan Zanoni Hausen, responsabilizam ou administrações anteriores do órgão, declarando estas como a pré-história da FUNAI, ou antropólogos, missionários e os próprios índios. No caso dos Gorotire, o Sr. Nobre da Veiga se apressou em acusar um dos últimos antropólogos que ainda pertence a sua administração, o Sr. Alceu Cotia, responsabilizando o mensageiro pela mensagem. Como devemos compreender a declaração dos Srs. Nobre da Veiga e Zanoni Hausen, que os conflitos surgem, "quando o próprio índio determina a ampliação de suas terras". Nunca os povos indígenas tiveram voz determinante na FUNAI!

No território dos Kayapó se deu o absurdo espetáculo, que o único que defendeu os Kayapó e apontou os culpados, era o major Marco Antônio Luchini, o temido-conhecido major Curió do CSN. Foi o major Curió, quem defendeu o antropólogo Alceu Cotia como "excelente profissional", quem apontou a omissão da FUNAI, a não-demarcação e a invasão do território indígena pelas fazendas como causas do conflito e quem verificou a ameaça - ou verbal ou de fato - de 1 mil 800 homens do Grupo Executivo de Terras do Araguaia-Tocantins/GETAT com a incumbência de desmatar uma gleba dentro do território dos Gorotire.

Para simular atividades e desviar a opinião pública, a FUNAI já distribuiu duas vezes dentro de três semanas a mesma relação de 15 áreas que ela ia demarcar até o fim do ano, áreas aliás, como no caso dos Pataxó, que oficializam a grilagem da metade do território indígena.

Os "administradores de índios", que trocaram a assessoria dos antropólogos com a assessoria do SNI, criaram uma administração de desespero, como mostra a recente invasão da FUNAI pelos Xavantes, as demissões em massa, a matança de índios e peões em áreas, que são exclusivamente sob a responsabilidade do órgão tutelar.

A atitude do major Curió chama a atenção para aquilo que devia ser a única tarefa temporária do CSN e do SNI junto aos povos indígenas:

- desmascarar a inoperância da FUNAI e a decadência da sua autoridade junto as nações indígenas, que criou em todo território nacional focos de tensão social;
- apurar a sua atuação prejudicial pela não-demarcação das terras indígenas, pela incompetência profissional e pelas acusações dos que alertam para os conflitos nascentes;
- sugerir à presidência da República a substituição dos atuais quadros dirigentes da FUNAI.

A demissão é a única medida adequada e urgente para quem não cumpriu sua missão.